

REFLEXÕES DE ASPECTOS MORFOFONÊMICOS DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS

Maria Célia Dias de Castro¹, Maria Suelí de Aguiar²

¹Departamento de Letras, Universidade estadual do Maranhão, Balsas, Maranhão, Brasil
Autor correspondente: Universidade Estadual do Maranhão, Curso de Letras, Balsas, e-mail: celiialeitecastro@hotmail.com.

²Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras – UFG

RESUMO

O papel desempenhado pelas vogais em *Reflexões de aspectos morfofonêmicos das vogais do português*, no contexto dos estudos estruturalistas. Este é o objeto de estudo deste trabalho. Pressupomos, baseadas nos autores indicados no texto, que há uma estreita relação entre as regras fonológicas e as regras morfológicas, no

que diz respeito a problemas empíricos tratados pelas duas áreas de estudo, ao que ressaltamos a importância do papel das vogais como ponto de intersecção no tratamento dos dados morfofônicos. O trabalho tem como suporte maior os pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1977, 1998, 2001, 2005).

Palavras-chave: processos morfofonêmicos, vogais, português

ABSTRACT

REFLECTIONS ON THE MORPHO-PHONEMIC ASPECTS OF THE PORTUGUESE VOWELS

The role carried out by *Reflexões de aspectos morfofonêmicos das vogais do português* in the structuralist studies context. It is the aim of this work. We claim based on indicated authors in the text, that there is a strict relationship between the phonological rules and the morphological

rules in what concerns the empirical problems analyzed by two lines of studies, so we emphasize the importance of the vowel's role like intersection point in the treatment of the morpho-phonics data. The paper has support on Câmara Jr. theoretical presuppositions (1977, 1998, 2001, 2005).

Key words: morphophonemic processes, vowel, Portuguese

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, trazemos, como centro das atenções, a este contexto acadêmico, o estudo sobre as vogais. Com esta análise, tentamos contribuir no sentido de demonstrar o relevante papel que as mesmas desempenham na análise utilizada

para a descrição do padrão morfofonológico do português.

Esses sons vocais ora são identificados, através de duas linhas de pesquisa dos estudos linguísticos, já agora numa área recém criada, numa análise interna e externa dos processos de transformação por que passam as palavras. Por um lado, a fonologia ou fonêmica,

como a denominava Câmara Jr., em que percebe que “a unidade e a identidade de um som vocal não está na sua uniforme realização na fala, mas na sua capacidade de caracterizar, mesmo com variações ocorrentes, uma dada forma da língua” (1998, p. 16). Por outro lado, a morfologia, cuja função - a análise mórfica - é descrever “a engrenagem atualmente operante, depreendendo os elementos constituintes de acordo com sua significação e uma função elementar que lhes é atribuída dentro da significação e da função total do vocábulo” (*ibidem*). Ambas constituem a descrição de uma língua, “a depreensão da sua estrutura e a explicação das relações que aí se estabelecem” (*ibidem*).

A figura simbólica dos sons e das formas mínimas significativas permite ao pensamento conjecturar esta série de inferências e alterações que alimentam as relações que fazem da língua um sistema organizado. Um sistema de sinais que desencadeiam relações significativas. São fonemas e morfemas movimentando-se numa teia cheia de regras rumo a formas simples e mais complexas com caráter componível, associável e permutável que gerarão sentidos.

Eis que, a partir de um número limitado de sons que nos são disponibilizados, ocorrem as combinações e associações que fazem surgir grande quantidade de formas com valor significativo.

Desta forma, começam a se estabelecer essas ligações, donde se estuda a relação das formas existentes e a estrutura que subjaz a sua constituição, e, a partir daí, a formação de unidades mínimas significativas – os morfemas e, conseqüentemente, as palavras, o enunciado, portanto, todo um sistema da língua.

Interessam-nos, sobretudo, as vogais, especialmente o papel que as mesmas exercem dentro dessa cadeia de combinações associativas de sons e significados que irão gerar as regras

morfofonêmicas (e, conseqüentemente, algumas regularidades sintáticas), aspecto sobre o qual as apresentaremos, para melhor elucidar essas nossas reflexões preliminares.

Sobre a base teórica

Câmara Jr. (1977), ao apresentar o *sistema de vogais*, além do quadro geral das vogais presentes no alfabeto, percebe como fonemas distintos o /e/ e /↔/, /o/ e /↔/ em oposição a que ele classifica como *nítida e funcional*, na língua portuguesa, o que gera um sistema de sete vogais. Desse quadro, ele ressalta a presença da função *assilábica* de /i/ e /u/, assim chamadas por terem um caráter fluido e serem auxiliares no jogo fonêmico que constitui o ditongo. Essa função, exercida em posição pré-vocálica, é classificada como um som em um momento de transição, que pode não ter exatamente uma função opositiva, mas transitória no processo de articulação dos órgãos do aparelho fonador. Entretanto, dependendo do tratamento dado pela língua, podem também ser fonemicamente distintivos, conforme explica esse autor, o que consagraria o contraste entre silábicas e assilábicas.

Quanto às unidades mínimas significativas, Basílio (2004) salienta que, desde os estudos comparativistas, a partir do desenvolvimento da lingüística Histórica, em que lidavam com situações de juntura das formas¹, surge a preocupação com a estrutura interna da palavra e a identificação dos elementos formativos da mesma, quando, então, esses elementos são mais considerados e passa a ser utilizado o termo “morfologia” abrangendo a flexão e a derivação.

¹ Conforme Câmara Jr. (2001, p. 151), nome geral para o contato entre duas formas mínimas dentro do vocábulo ou entre dois vocábulos num grupo de força. É da juntura que resulta a variação morfofonêmica de condicionamento fonológico, ou sândi.

Câmara Jr. (2005) propõe três tipos de formas, donde duas foram propostas anteriormente por Bloomfield (1979): *forma livre (free forms)* – que pode ser enunciada isoladamente (José, docemente), a *forma presa (bound forms)* – que nunca é enunciada isoladamente (prefixos, sufixos, radicais: *im+pre+vis+ível*), e outra que foi criada pelo próprio Câmara Jr.: a *forma dependente*, que nunca aparece isolada, mas pode aparecer ligada a outra que não é aquela que a condiciona, quando entre ela e a sua condicionante se intercalam livremente outras formas (os vocábulos clíticos: se, que).

Uma grande contribuição do autor aos nossos estudos, segundo Basílio (2004), foi a distinção entre *vocábulo fonológico* - “divisão espontânea na cadeia fonológica de emissão vocal”² e o *vocábulo formal ou mórfico* “quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua”(Câmara Jr., 2005). Pensamos que aí está o “cerne” de ligação entre o que Câmara Jr. chama, a exemplo de Martinet (1991), a *dupla articulação da linguagem* – a primeira e a segunda articulação - onde há uma complementaridade de funções das unidades, cada uma com forma vocal e sentido e a representação fônica dessas, a partir de uma visão estruturalista que hierarquiza e faz emergir os diálogos que subjazem essas relações que compõem o sistema da língua.

Câmara Jr. (2005, p. 22) toma o vocábulo não como termo indecomponível, mas como realidade lingüística de efeito vocal (fonológica) - classificação dada por André Martinet (1991, p.24) como a *segunda articulação da linguagem*, e a realidade lingüística de forma (morfológica), classificada (*Ibidem*, p. 22) como a *primeira articulação da linguagem* - além da significação semântica, cujas formas mínimas constituintes são originariamente os morfemas³. Melhor

dizendo, na primeira articulação associa-se a forma à significação, enquanto que na segunda articulação podemos proceder à decomposição da forma em suas unidades vocais.

A partir da complementaridade dessas duas perspectivas de estudo é que surgiu o termo metalingüístico *morfofonêmica*, cuja função é o estudo dos processos que influenciam mutuamente forma e som. A base da análise é, pois, atribuída respectivamente aos níveis morfológicos e fonêmicos que envolvem os morfemas, que compõem o sistema da língua. Os morfemas, por sua vez, classificam-se em lexicais, que constituem a base do léxico, e os gramaticais, os quais configuram a gramática da língua.

Segundo Câmara Jr. (2005, p. 24-25), há três funções inerentes aos morfemas gramaticais:

- i) indicam classificações formais, meramente como as vogais temáticas das conjugações ou classes nominais em *-a*, *-o* e *-e*; ii) estabelecem as relações dos vocábulos dentro da sentença, como em latim o nominativo assinala o sujeito do verbo e o acusativo o seu objeto direto; iii) marcam, pela sua oposição entre si ou pela sua presença em face de sua ausência, as relações que a língua estabelece entre coisas diversas, vistas como relacionadas na idéia que delas fazemos (ou, antes, a nossa língua materna faz).

Nesse conjunto de variabilidades lingüísticas é que atuará a morfofonêmica, tentando deprender os processos que afetam a forma fonológica dos morfemas e dessas seqüências de morfemas, conforme apresentamos na análise a seguir.

² Grifo no texto de Basílio (2004, p. 79), conforme referências anexas.

³ O termo morfema aqui é tomado sob a concepção de Câmara Jr. (2001, p. 170) como “o elemento

formal que se combina com o semantema, constituindo um mecanismo gramatical por meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação lingüística”.

Reflexões preliminares

Nesta análise, após discorrermos brevemente sobre os sons vocálicos, depreendemos especificamente o papel das vogais em cada tipo de processo que é apresentado; como esses sons se alternam, gerando as regras que condicionam a flexibilidade e, conseqüentemente, o inter-relacionamento, ou seja, a intersecção do som e da forma. Os tipos de processos aqui apresentados são aqueles de ocorrência mais frequente, haja vista que esta é apenas uma análise preliminar.

Os sons vocálicos

A princípio, para fazer a classificação distintiva desses fonemas – baseadas na classificação de Câmara Jr. (1977) – é considerado o ponto de articulação: (anterior central, posterior), o traço de arredondamento labial (arredondadas, não-arredondadas) e o abrimento bucal (altas, médias altas, médias baixas e baixas). A estruturação desse quadro segue a classificação para *anteriores*, também conhecidas como frontais, as vogais com um avanço da parte anterior da língua, o que proporciona a sua gradual elevação. As *posteriores*, conhecidas como recuadas, em que há um recuo da parte posterior da língua e a sua elevação gradual. A *central*, em que não há avanço nem elevação da língua. Outra classificação trata da postura dos lábios, classificando como *arredondadas* as vogais de articulação posterior, com o arredondamento dos lábios, e as *não arredondadas*, as de articulação na parte frontal da boca, sem arredondamento dos lábios. A elevação da língua dá uma classificação de termos *baixa*, *média* e *alta*.

Dada essa classificação, Câmara Jr. (1998, p. 23) ressalta a *tonicidade* como constituinte da distinção dos traços, a partir do que afirma a existência do quadro das vogais tônicas, as quais possuem mais nítidos e plenos os seus traços (/a/, /↔/, /i/,

/↘/ e /u/), e três quadros básicos das vogais átonas, as quais são mais facilmente neutralizáveis pela inerente debilidade das mesmas, haja vista a premente fertilidade alofônica desses sons vocálicos. Do quadro das átonas, temos as vogais pretônicas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/), sendo que essas são as que figuram nas sílabas dos prefixos e nas dos derivados. Este autor lembra que além da *neutralização* que ocorre entre as médias pretônicas, ocorre o processo de *harmonização vocálica*, que será mais detalhadamente estudado.

Em seguida Câmara Jr. apresenta dois quadros das vogais postônicas do português do Brasil. No primeiro, ele apresenta as vogais postônicas não-finais dos proparoxítonos (/a/, /e/, /i/, /u/), em que a oposição entre /o/ e /u/ se neutraliza, ou seja, perdem o contraste em posição átona, e o das vogais átonas finais (/a/, /i/ e /u/). Para o segundo quadro das vogais postônicas, o das átonas finais, esse autor afirma a neutralização entre as médias e altas /o/ e /u/ e entre o /e/ e /i/, o que fez com que o quadro se reduzisse para apenas três vogais finais, o que é muito comum na fala espontânea, em quase todo o território brasileiro⁴.

A importância da vogal ocupando o ápice da sílaba

Câmara Jr. (2005) ressalta que a estrutura da sílaba depende do centro ou ápice da mesma e essa estrutura é o que marca caracteristicamente as línguas. O ápice também é chamado núcleo, conforme apresentado por Collischonn (2001, pág.91). Ou seja, a vogal está localizada no centro da sílaba, o que já denota o papel que ela aí desenvolve na formação de unidades maiores, desde a sílaba, ao morfema e à palavra. Em função da importância que é dada à vogal nessa concepção de sílaba, têm-se as classificações básicas em V para

⁴ Uma análise detalhada desses quadros vocálicos, na região Sul do Maranhão, é feita em Castro (2008).

sílaba simples aberta: *a-ta*; CV para sílaba complexa crescente aberta: *pa-to*; VC para sílaba complexa crescente-decrescente: *ar-co* e CVC para fechada ou travada: *por-ta*. Dessas três formas básicas são gerados mais outros tipos de estruturas silábicas dessas derivadas no português. É importante perceber que é a vogal o parâmetro fundante dessa classificação.

Como constituintes significativos do vocábulo, as vogais podem aparecer como unidades significativas:

Como morfemas que criam novas palavras → derivação.

Como morfemas derivacionais: para se combinarem com os lexemas e assim tornarem o léxico sempre mais produtivo e renovável. Nos processos derivacionais as vogais aparecem nos processos morfofonêmicos na junção dos morfemas para formar novas palavras, quer seja pelo processo de prefixação, sufixação, infixação – este último pouco produtivo em português – ou por derivação parassintética. Ou seja, as vogais têm o poder de alterar as categorias de palavras quer seja como afixos, quer como palavras dependentes⁵. Coutinho (1976, p. 168) apresenta, no processo derivacional, que quando o sufixo se inicia por consoante, se o radical termina em *-e* ou *-o*, estes se modificam para *-i*. Ele afirma que o *-e*, no entanto, mantém-se, desde que a tonicidade recaia sobre ele. Ao que exemplifica com exemplos como: *anda-dura, cometi-mento, certi-dão, nasce-n-te, escreve-nte*.

No processo de derivação imprópria a anteposição da vogal que representa o artigo dá essência ao sintagma e o substantiva. Este é um processo bastante produtivo para representar a força que tem o som vocálico adjungido a uma carga significativa dentro das classes de palavras, que geram transformações em substantivos,

conforme as percebidas em alguns exemplos retirados de Coutinho (1976, p. 173):

- a) Os adjetivos: *pêssego, valenciana, (...)*;
- b) Os participípios passados: *vista, escrita, mandado, ferida, pousada, bebida, saída, dito, calçada (...)*;
- c) Participípios presentes: *amante, nascente, poente, consoante*.
- d) Os infinitivos e indicativos verbais: *prazer, vagar, ser, andar, afazer, querer; acórdão, pêsames*;
- e) As palavras invariáveis: *o sim, o não, os prós, os contras, o porquê*.

Como morfemas que proporcionam o relacionamento contextual → flexão.

Como morfemas flexionais ou desinenciais: para se combinarem com os morfemas radicais com o objetivo de manter uma relação com os demais termos do contexto em que esses morfemas estão situados. Esses morfemas não alteram as categorias. Os morfemas flexionais são poucos e se aplicam somente aos verbos e nomes (Câmara Jr., 2005, p. 84).

a) *Quanto aos nomes e pronomes*, as noções que são expressas são as de gênero e as de número (*Ibidem*, p. 85). Esses morfemas gramaticais podem ser segmentais, os quais se constituem de um fonema ou de um grupo de fonemas, e os morfemas gramaticais que indicam alternância – entre as vogais – numa circunstância específica a ser tratada dentro do radical ou do morfema gramatical de um segmento fonêmico (*Ibidem*, p. 75).

Pat-a morfema representado por uma átona final

⁵ Conforme Basílio (2004), o conceito de *palavra dependente* foi criado por Câmara Jr.

| _____ que possui
 | _____ significação gramatical de
 | _____ gênero feminino.
 | _____ morfema que possui
 | _____ significação lexical

O morfema *-a* está representado por apenas um som vocálico no seu plano de expressão. Essa vogal, que é adjungida aos nomes, também recebe o nome de *vogal temática* (*rocha, casa*). Além desta há as vogais temáticas *-o* (*lobo, cavalo*), e *-e* (*pente, doente*). Neste caso (Câmara Jr., 1998), o masculino se caracteriza pela ausência de marcação, a que chamamos morfema zero {↓}.

No mecanismo de flexão nominal também as vogais são bastante produtivas nas mudanças morfofonêmicas resultantes, conforme Câmara Jr. (1998) apresenta:

Nos nomes terminados em /r/ e /z/ a vogal temática *-e* reaparece, onde ela estava elíptica:

Paz:pazes; mar: mares; bar: bares

Nos nomes terminados em /l/, esta lateral desaparece e reaparece a vogal temática *-e*, a qual sofre os seguintes processos:

- Com /a/, /e/, /o/, /u/: ditongação com a passagem da vogal temática a semivogal; *animal(e); animais; papel(e); papéis; anzol(e); anzóis; azul(e); azuis*

- Com /i/ átono: há a permuta das vogais em contato e, conseqüentemente, a ditongação: *fácil(e); fácel(is); fáceis*.

- Com /i/ tônico: como não há vogal temática (palavra atemática) ocorrerá apenas a supressão do /l/: *anil; anis*.

Para a flexão singular do ditongo *ão*, Câmara Jr. (1998) apresenta as seguintes explicações morfofonêmicas:

- *õe > ão* com uma alternância do /o/ tônico > /a/

- *õe > ão* com a alternância da vogal temática /e/ > /o/

- *ão* sem sofrer mudanças morfofonêmicas.

Para a flexão de gênero dos nomes em *-ão* com formas teóricas em *-õe*, *-õe* e *-ão*, há a supressão das vogais temáticas *-e* e *-o*: *irmão: irmã; alemão: alemã*.

b) *Quantos aos verbos*, além de vogal temática especificadora da conjugação verbal, as vogais têm vital importância como desinência modo-temporal e número-pessoal, como em:

*And a r
 vend e r
 part e r
 Am o
 cant a
 estud e*

Nos verbos, Câmara Jr. (1998) apresenta três tipos de alternância da vogal tônica:

- Nos tempos do presente do indicativo e subjuntivo da segunda conjugação /o/ e /e/ fechados no subjuntivo, e na primeira pessoa do singular do indicativo se alternam com /↓/ e /↔/ abertas, na segunda e terceira pessoa do indicativo: *corro, corra: corres, corre; beba; bebo: bebes, bebe*.

- Na terceira conjugação para os mesmos tempos /i/ ou /u/ e as vogais médias /e/, /↔/ ou /o/, /↓/: *fira, firo: fere, feres; sinto, sinta; sente, sentes; durmo, durma; dorme, dormes*.

- As alternâncias entre a primeira e terceira pessoa singular do pretérito perfeito singulariza, de forma bastante reveladora, a importância dos sons vocálicos nesses processos: /i/ □ /e/ e /u/ □ /o/:

*Fiz: fez
 Tive: teve
 Pus: pôs
 Pude: pôde
 Fui: foi*

As vogais como formas dependentes ou cíclicas: partículas proclíticas, enclíticas (e mesoclíticas).

A partir do conceito de vocábulo formal estabelecido por Bloomfield, Câmara Jr. (2005) enriquece esses conhecimentos ao criar uma nova taxonomia para os tipos de formas que constituem o vocábulo formal, além das formas presas e das formas livres, antes estabelecidas por Bloomfield. Ele classifica um terceiro tipo de unidade formal adequada à língua portuguesa. Esta é a *forma dependente*, em cuja classificação estão as partículas proclíticas, enclíticas:

forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas que também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada: de um lado, entre ela e essa forma livre pode se intercalar uma, duas ou mais formas livres *ad libitum* (*a grande, promissora e excelente lei*⁶) (Câmara Jr., 2005, p. 70).

Depreende-se serem *formas dependentes* os pronomes átonos proclíticos e os enclíticos representados por um só segmento *o* e *a*, ou pluralizados *os* e *as*.

Os pronomes oblíquos de terceira pessoa - os cíclicos *o* e *a* representados pelas vogais “o” e “a” ou pluralizados *os* e *as*. Esses pronomes são representacionais da força vocal que simbolizam as vogais. Exs.:

Vi-o ontem
Levei-as ao colégio

Os artigos definidos o, a, os e as passam a ter bastante vitalidade, além do

processo antes citado de formação de palavras por derivação imprópria, como também em outras circunstâncias, como na especificação dos substantivos epicenos: *a cobra o tigre*, e dos sobrecomuns: *a testemunha, o conjugue*. A vogal /a/ seja no *status* de artigo, seja no de vogal temática, nem sempre é especificadora de feminino, como em *emblema, cometa*, que exige o artigo masculino representado vocalmente pelo /a/. No entanto, cabe dizer da regra de flexão que geralmente suprime a vogal temática adjungindo o /a/:

lobo;loba mestre; mestra

As preposições: a preposição *a* e as formas contractas *à* e *ao*.

Geralmente os nomes com a vogal temática em *-e*, principalmente os adjetivos, não sofrem regras morfofonêmicas quando da flexão de gênero: *triste, estudante*.

Câmara Jr. (1998) afirma, pois, a redundância da flexão de gênero, porque este vem implícita ou explicitamente indicado gramaticalmente pelo artigo, expresso fonologicamente pelas vogais /o/ e /a/, que são morfemas independentes, ou seja, são formas livres; não se prendem a uma forma, embora possuam uma distribuição característica.

Outro papel fundamental das vogais é o traço quanto ao timbre aberto ou fechado - a metafoia

Câmara Jr. (1998, p.55) afirma o caráter fluido do timbre da vogal radical a qual sofre uma flexão interna para estabelecer a alternância vocálica. Essa alternância indica que determinados vocábulos sofreram uma modificação - flexão - no processo de inter-relação com os demais termos da sentença.

⁶ Grifo do autor.

Em formas nominais: E este processo tanto pode ocorrer para os nomes na flexão de gênero quanto de número.

a) Indicando variação de gênero masculino para o feminino.

bondoso > bondosa (adjetivo)
novo > nova (adjetivo)
esse > essa (nos demonstrativos)
aquele > aquela (demonstrativo)
avô > a avó (substantivos)

b) Indicando variação de número singular para o plural.

porco > porcos
esforço > esforços
osso > ossos
olho > olhos

Em formas verbais rizotônicas: em formas rizotônicas de 2ª e 3ª pessoas, ou seja, em formas verbais oxítonas. A alternância da última vogal das formas verbais apresenta-se bem mais produtiva para representar:

a) A mudança de pessoas: 1) em verbos da 2ª conj.

eu corro, bebo (1ª pessoa do singular presente ind.)
que eu corra, beba (1ª pessoa do singular presente subj.)
tu corres, bebes (2ª pessoa)
ele corre, bebe (3ª pessoa)

b) Na 3ª conjugação
eu firo, durmo
que eu fira, durma
tu feres, dormes
ele fere, dorme

Ainda nas formas rizônicas do pretérito perfeito e, desprovidas de flexão externa no pequeno número de verbos que João Ribeiro chamou, por sugestão da gramaticologia, *verbos fortes* (Apud Câmara Jr., 1998).

eu fiz > ele fez
eu pus > ele pôs

Nos processos morfofonológicos

Caracterizamos mais especificamente o papel das vogais nesses processos morfofonológicos mais comuns, tais como a assimilação, a neutralização, metaplasmos em geral e juntura vocábular, sandhi.

3.6.1 *Assimilação* – Câmara Jr. (2001, p.62) parafraseia a definição de Grammont (1933, p. 186) acerca da assimilação como a aquisição de novo traço articulatório pela influência de outro som. Ele ressalta a importância da assimilação no processo de evolução da língua portuguesa, ocasionando fenômenos, no que tange às vogais, como a vocalização, o fechamento de timbre ou alçamento dos ditongos decrescentes, ao que acrescentamos o abaixamento vocálico como exemplificamos a seguir.

a) Vocalização: *octo > oito; facto > feito*

b) Fechamento de timbre/alçamento vocálico: *menino > mininu*

c) Abaixamento vocálico⁷: *advogado > adèvogado* (e aberto)

Neutralização – sobre a neutralização, Câmara Jr. (2001) diz ser a eliminação da oposição resultante do debordamento (*overlapping*) de um fonema por outro numa forma lingüística, o que significa a substituição de /ε↓/, /o↓/ por /↔/, /o/ ou vice-versa:

feijão > fêjaw (e aberto)
deixava > dèxava (e aberto)

A *harmonização vocálica* é, segundo Crowley (2003), o processo em

⁷ Há um estudo mais aprofundado em Castro (2008b), acerca do alçamento e do abaixamento vocálicos.

que há a assimilação de uma ou mais características de uma vogal para outra vogal na mesma palavra, o que ocorre em vocábulos como [aduisiə] *adoeci*, [mininu] *menino* e [qundu] *quando*, em que as vogais [e], [a] se assimilaram respectivamente às vogais altas [i], [u].

Metaplasmos em geral – nos metaplasmos, quer sejam motivados pela permuta, quer pela supressão por aumento ou pela transposição de fonemas, os sons vocálicos, por constituírem matéria sonora da língua, e principalmente por deterem a posição privilegiada de constituírem núcleo de sílaba, deparam-se com essas modificações não só ao se considerar os aspectos diacrônicos como também os sincrônicos, na análise da estrutura de formas da língua portuguesa.

Juntura vocabular – um importante estudo sobre posicionamento das vogais em fronteiras de palavras, a *ressilabação vocálica* ou processos de sandhi vocálico, é apresentado por Collischonn (2001, p.116), a partir dos estudos de Leda Bisol (1992, 2001), donde são destacados os fenômenos de elisão, ditongação e degeminação.

a) A *elisão* é um fenômeno que ocorre com a vogal *a* ou outras vogais, quando átonas em fronteiras de palavras.

merenda escolar > *merend* [e]
scolar
camisa usada > *camis* [u] *sada*

b) A *ditongação* ocorre com a vogal final e a inicial de dois vocábulos consecutivos, sendo que uma das vogais deve ser alta e átona, respectivamente; também ocorre no interior de palavras.

caju ácido > *caj*[wá]*cido*

abacate alto > *abacat*[já]*lto*

c) A *degeminação*, em que haverá a fusão de duas vogais semelhantes, sendo a segunda uma átona.

menina alegre
menin[a]*legre*
leque escuro
lequ[e]*scuro*
coordenador
c[o]*rdenador*

Embora haja uma grande diversidade de processos morfofonológicos, os aqui exemplificados ilustram as mudanças/alternâncias dos sons vocálicos que conseqüentemente se fizeram representar nas formas, quer dentro da estrutura silábica, quer pelo apagamento ou redução de semelhanças fonéticas.

CONCLUSÃO

Para procedermos a esta análise foi necessário adotarmos a tradição estruturalista, que percebe a língua como um sistema. Nesse sistema se inter-relacionam as formas por meio de uma relação entre sinais.

Deste modo, o nível fonêmico e o morfológico das estruturas lingüísticas submetem-se a constantes dinâmicas apreendidas por análises abstratas e tidas como regularidades (regras) que são apresentadas sob uma linha de estudos lingüísticos, denominada morfofonêmica.

Dentro desse quadro teórico foi feito um levantamento preliminar do papel que têm os sons vocais ao nível de análise fonêmico-morfológica, em que estas duas áreas de estudo se interpenetram e se complementam, a partir da visão da língua como sistema. Nesse contexto, as descrições de Câmara Jr. e de outros autores citados nas referências forneceram-nos os subsídios necessários para que apreendêssemos, das abstrações por eles desenvolvidas, as estruturas pertinentes às reflexões acerca da natureza das vogais realizadas nos fenômenos sobre os quais nos propusemos estudar.

Temos consciência de que muito há que se pesquisar e analisar no sentido de uma identificação e de uma explicação

maior acerca da natureza dessa intersecção entre som e forma dos sons vocálicos, mas estas foram, como o próprio título o revela, apenas algumas reflexões preliminares.

REFERÊNCIAS

BASILIO, M. O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *Revista de documentação de Estudos em Lingüística Teórica e aplicada – DELTA*. v. 20, n. especial, p. 71-84, 2004

BATTISTI, E. *O sistema vocálico do português*. In: *Constituintes prosódicos*, 1999b.

BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BISOL, L. *O acento: duas alternativas de análise*. Porto Alegre: PUCRS, 1992. (não-publicado).

BLOOMFIELD, L. *Language*. Boston: George Aalen & Unwin, 1979.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. _____ *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

edos, 1991.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTRO, M. C. D. de. *Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA*. 2008. 184p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

CASTRO, M. C. D. de. O alçamento e o abaixamento vocálicos no dialeto da região do Gerais de Balsas. *Revista Signótica*, v. 19, p. 277-298, 2008b.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 91-123.

COLLISCHONN, G. *Análise prosódica da sílaba em português*. 1997. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 1997

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1. ed., 1976.

CROWLEY, T. *An introduction to historical linguistics*. New York: Oxford University Press, 3. ed, 2003.

GRAMMONT, M. *Traité de Phonétique*. Paris, 1933.

MARTINET, A. *Elementos de linguística general*. Madrid: Editorial Gr